

Texto Áureo: Êxodo 31:15

Leitura Devocional: Neemias 13:15-22

Leituras Diárias:

SEGUNDA: Marcos 2:23-28

TERÇA: Gênesis 1:27-2:3

QUARTA: Êxodo 20:1-11

QUINTA: Êxodo 31:12-18

SEXTA: Ezequiel 20:11-20

SÁBADO: Êxodo 16:22-30

DOMINGO: Neemias 13:15-22

Não temos direito de usar o que não é nosso. De modo particular, isto é verdade em relação ao que pertence a Deus. O Senhor é zeloso daquilo que Lhe pertence.

Já vimos que o tempo de que dispomos nos foi doado por Deus. Em sua bondade ele nos entregou a maior parte dele para as nossas necessidades materiais. Só exige de nós uma sétima parte. Não temos direito de usá-la para nós.

Notemos a ênfase bíblica dada à verdade de que o dia do descanso não nos penence. "O santo sábado do Senhor", Êx. 16:23. "Certamente guardareis meus sábados". Êx. 31:13; Lv. 19:3; Mc. 2:28.

Estudaremos esta lição, procurando primeiramente demonstrar a nossa posição, como cristãos, na guarda do domingo, para depois vermos nossos deveres para com esse dia.

1. O DIA DO DESCANSO NO VELHO TESTAMENTO

A palavra sábado quer dizer descanso. Esta é a idéia fundamental da palavra, e não o fato de ser o sétimo dia.

Deus, em sua sabedoria e bondade, providenciou um dia para que o homem repousasse de suas atividades.

Todas as tentativas de modificar o dia de descanso tem redundado em fracasso. Tem sido experimentadas semanas maiores e menores do que a que Deus estabeleceu, mas sempre com prejuízo para o homem.

Nosso corpo foi feito por Deus de tal maneira que precisa, de sete em sete dias, de um para descansar.

A insistência de Deus na necessidade de guardar um dia em sete pode ser verificada em que este é o mais longo e o mais explícito dos dez mandamentos. Êx. 20:8-11.

Talvez Deus tivesse demorado nessas admoestações por saber da tendência do homem de fugir à guarda do seu dia.

Não só no Decálogo, mas em outras partes, Deus deu ordens minuciosas quanto à observância do sábado. Êx. 16:22-30; 35:3.

Em todas essas instruções Deus visa o bem-estar do homem sobre a face da terra: bem-estar físico, pelo descanso; bem-estar espiritual, pela santificação.

2. POR QUE GUARDAMOS O DOMINGO?

1. O domingo comemora a ressurreição

Guardamos o domingo porque ele comemora a ressurreição de Jesus, o maior fato da história da humanidade. João 20:19-26. Jesus apareceu no primeiro dia da semana, aos seus discípulos reunidos, mais de uma vez.

2. Os discípulos começaram a guardar o domingo

Os discípulos guardavam o primeiro dia da semana. Reuniam-se no sábado com os judeus para ganhá-los. At. 14:14, 44; 18:4. Quando se reuniam como cristãos, para o seu próprio culto, faziam-no no primeiro dia da semana. At. 29:7; I Cor. 16:2; Ap. 1:10.

Os cristãos se emanciparam gradualmente do judaísmo. Por isso, a princípio se reuniam com os judeus no sábado e em seus próprios cultos no domingo. Mais tarde, a distinção se tornou completa e o domingo ficou como único dia de guarda.

3. O Novo Testamento reinterprete o sábado

O Novo Testamento não estabelece o sábado como dia de guarda.

O sábado, como sétimo dia da semana, era um sinal entre o povo de Israel e Deus. Era, portanto, de obrigação restrita dos judeus. Êx. 31:13-17; Ez. 20:12. Não estamos, por conseguinte, na obrigação de guardar o sétimo dia.

Os mandamentos são todos reafirmados no Novo Testamento, menos o que se refere ao sábado. O pastor Ricardo Pitrowsky, em seu excelente livro “O Sabatismo à Luz da Palavra de Deus”, apresenta uma relação dos dez mandamentos, e quantas vezes cada um é repetido no Novo Testamento. Mais de cem referências são feitas aos outros nove, e nenhuma ao sábado.

4. O domingo cristão transpôs os séculos

A história prova que os cristãos de todos os séculos observaram o domingo. Inácio, que escreveu no ano 100, dizia: "Aqueles que estavam presos às velhas coisas vieram a uma novidade de confiança, não mais guardando o sábado, porém vivendo de acordo com o dia do Senhor."

Clemente de Alexandria no ano 168 diz: "O crente esclarecido... guarda o dia do Senhor." Poderíamos multiplicar as citações, se o espaço no-lo permitisse.

3. COMO OBSERVAR O DIA DE DESCANSO

1. Busca da presença de Deus

A assistência aos trabalhos da igreja, no domingo, oferece-nos excelentes oportunidades para crescermos espiritualmente. Alguns assistem só à escola dominical ou ao culto da noite. Acham que isso lhes basta. Mas o dia não é nosso, é do Senhor, e devemos aproveitar todos os ensejos de estar em sua casa.

2. Leitura da Palavra de Deus

Fora do horário das reuniões na igreja, devemos aproveitar o domingo para ler a Palavra de Deus, estudá-la e meditar nela. Outros livros de edificação espiritual podem ocupar nossas horas de lazer.

3. Testemunho

Os trabalhos de evangelização e beneficência devem ter nossa cooperação. O domingo é o dia por excelência para promover o reino de Deus. Nas escolas dominicais dos bairros, nos pontos de pregação, nas visitas a hospitais e casas de beneficência em geral, encontraremos inúmeras oportunidades de testemunhar do nosso Salvador.

4. Descanso

Sem dúvida que o dia é também para descanso, e devemos dedicá-lo à renovação de nossas energias para uma nova semana de atividades. Não esqueçamos, entretanto, que o melhor descanso é a mudança de atividade.

Devemos evitar, na guarda do domingo, os extremos do legalismo e da frouxidão. Sejamos sensatos em guardá-lo de modo agradável a Deus.

4. A PROFANAÇÃO DO DIA DO SENHOR

Infelizmente vai-se acentuando a tendência, entre os crentes, de profanar o domingo. Ocupando-se com atividades terrenas, buscando prazeres mundanos, em viagens e passeios, e de mil outras formas, foge-se de dedicar a Deus o dia que Lhe pertence.

1. Castigo

Deus sempre castigou severamente Israel quando transgredia o quarto mandamento. Êx. 31:14-18; Nm. 15:32-36; Jr. 17:19-27. Leia com cuidado estas passagens.

2. Primeiro passo para outros pecados

A profanação do sábado vinha frequentemente associada a outros pecados. Por vezes a idolatria vinha ligada com a quebra do sábado, outras vezes com o casamento misto. Ez. 20:16; Nem. 13:23.

Quando um crente deixa de observar o dia do Senhor, ele deu o primeiro passo para uma porção de outros pecados, com que Satanás procura arruinar sua vida espiritual.

3. Profanação

Como podemos profanar o dia do Senhor?

Nos dias de Neemias o sábado era profanado com atividades comerciais. Foi preciso que ele agisse com firmeza para acabar com essa transgressão. Nem. 13:15-21.

Vivemos num país católico em que muitas atividades comerciais e sociais são mais intensas no domingo. Precisamos exercer severa vigilância para que não nos conformemos com o padrão dos não-crentes.

Qualquer atividade que não seja de natureza puramente espiritual ou beneficente foge do espírito do quarto mandamento e é pecaminosa diante de Deus.

5. CONSEQUÊNCIAS DA PROFANAÇÃO

1. Prejuízo espiritual

A profanação do domingo traz prejuízo à nossa vida espiritual.

Se vírmos um crente, outrora ativo e fiel, mas agora negligente e relapso, poderemos saber que ele não está observando, como deve, o dia do Senhor.

Quem despreza o dia santo do Senhor está no caminho certo para a derrota espiritual.

2. Privação de privilégios

A profanação do domingo priva os crentes dos privilégios que esse dia oferece. Quantas bênçãos na assistência aos cultos, quanta alegria em estudar a Palavra de Deus, quanta felicidade em falar do amor de Cristo! Tudo isso perde aquele que foge dos seus deveres dominicais.

Tomé não foi ao culto no domingo da ressurreição, e o que aconteceu com ele? No domingo seguinte apareceu cheio de dúvidas a Jesus e foi por ele repreendido. É sempre assim quando deixamos nosso lugar vazio na igreja.

3. Escândalo

A profanação do domingo traz escândalo para o evangelho.

Imaginemos o membro da igreja que está no jogo de futebol ou no cinema, e a seu lado está alguém que o conhece como crente. Que péssimo testemunho está dando! Aquilo que outros estão procurando fazer, com tanto zelo, ele destrói em um minuto, pela sua profanação do dia do Senhor.

4. Condenação divina

A profanação do domingo coloca-nos debaixo da condenação divina.

Neemias disse ao povo de Israel, quando este transgredia o sábado: "É vós ainda mais acrescentais o ardor de sua ira sobre Israel, profanando o sábado". Nem. 13:18.

A lei previa a penalidade de morte para o que profanasse o sábado. Êx. 31:14. Deus é zeloso do seu dia, e aquele que o quebra está incorrendo na condenação de Deus.

"Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo". Hb. 10:31.

O domingo não é meu. Pertence todo a Deus, e só a Deus. Farei dele, então, um dia de alegria, de bênçãos e de serviço na causa do Senhor, que me remiu.

Perguntas Para Revisão

Lição 7

1. Que quer dizer a palavra "sábado"?
2. Com que finalidade Deus instituiu o dia de descanso?
3. Por que os cristãos guardam o domingo?
4. Dê sugestões sobre como devemos observar o domingo de modo agradável a Deus.
5. Como pode o dia do Senhor ser profanado?
6. Mencione consequências da profanação do domingo para a vida do povo de Deus.

Texto Áureo: I Timóteo 6:10

Leitura Devocional: Salmo 49:1 e 17

Leituras Diárias:

SEGUNDA: Deuteronômio 8:11-18

TERÇA: Mateus 7:1-12

QUARTA: I Timóteo 6:7-12

QUINTA: I Timóteo 6:17-21

SEXTA: João 6: 1-13

SÁBADO: Mateus 17: 24-27

DOMINGO: Salmo 49: 10-17

É ensino claro da Palavra de Deus que toda riqueza a ele pertence, enquanto nós somos simples despenseiros dela. Só Deus tem o direito de propriedade, e o cristão o direito de posse, isto é, o direito de usar os bens materiais enquanto estiver neste mundo. O cristão verdadeiro reconhece que Deus é quem lhe dá forças para adquirir fortuna. Dt. 8:18. "Eu fiz a terra, o homem, e os animais que estão sobre a face da terra, pelo meu grande poder, e com meu braço estendido, e a dou àquele que me agrada em meus olhos". Jr. 27:5.

Visto que esses bens são dados ao homem como usufruto, não por qualquer merecimento especial, e sim pela bondade de Deus e seu desejo de tornar a existência do homem agradável sobre a face da terra, o mordomo procura usar as riquezas que Deus lhe confia para o bem da raça humana e para a extensão do reino de Deus na terra.

O mordomo considera um privilégio ajudar àqueles que por quaisquer circunstâncias não puderam alcançar fortuna, e especialmente aqueles que se encontram privados do necessário para a sua subsistência. Dominado pelo amor de Cristo, o mordomo procura fazer aos outros tudo aquilo que desejaria que os outros lhe fizessem. Mt. 7:23.

1. O QUE O DINHEIRO REPRESENTA

O homem trabalha certo número de horas por dia e recebe em troca certo número de reais. Esse dinheiro representa uma porção de sua energia física e mental, transformado em moedas e dinheiro-papel, com os quais ele pode adquirir o necessário para o seu sustento. É o resultado do seu trabalho por determinado tempo, é parte da sua vida gasta numa certa atividade que visa diretamente a contribuir para o desenvolvimento da coletividade. Não exageramos, portanto, quando dizemos que o dinheiro é personalidade armazenada ou, por assim dizer, parte da vida transformada em moedas e papel.

Não faz muito tempo, faleceu na América do Norte um homem que legou à filha uma pequena fortuna. O advogado que cuidava dos interesses do pai da moça entregou-lhe uma carta deixada em seu poder pelo falecido. Era o seguinte o seu teor:

"Deixo-te uma quantia no banco e espero que seja suficiente para fazeres face às tuas despesas. Quero que penses nessa quantia, não apenas como dinheiro, mas gostaria também que

te lembrasses de que é parte de minha vida, dedicada ao teu bem-estar e à tua felicidade. Estão empregados, naquele dinheiro, muitas das minhas melhores horas, horas de todos os dias, durante muitos anos. Está empregado também, nessa quantia, o meu cérebro, isto é, as melhores idéias que tive durante a minha vida de comerciante. Minha força física, minha energia e meu amor estão todos armazenados nesse dinheiro, que passa agora para o teu poder. Espero também que te lembres de que, ao usares o dinheiro que te estou legando, estarás de fato usando a vida de teu pai. Peço-te, portanto, que não o desperdices, mas que o uses como usarias meu tempo, meu esforço e meu amor. Alegro-me em entregar, agora que não mais estou ao teu lado, parte da minha vida para te resguardar da necessidade e falar-te do meu amor."

2. MORDOMIA NO GANHAR

1. A arte de ganhar dinheiro

A Bíblia em lugar nenhum condena a aquisição de dinheiro, muito ao contrário, procura estimular esse dom que nos vem de Deus mesmo. Nas parábolas dos talentos e das minas, Jesus deixou claro que ganhar dinheiro é uma capacidade que Deus deu ao homem e que este deve procurar desenvolver.

Ganhar dinheiro é uma arte que todo crente deve cultivar. Uma das nossas necessidades é a de maior número de crentes genuínos, que se esforcem por desenvolver sua capacidade aquisitiva. Oportunidades frequentes se oferecem a pessoas inteligentes e amigas do trabalho. Aproveitem-nas. Não façam disso, entretanto o fim em sua vida. Se o fizerem, estarão cometendo um pecado grave. É pelo amor ao dinheiro, raiz de todos os males, que muitos tem sido levados à ruína espiritual. I Tm. 6:7 10.

2. O perigo do dinheiro

Certa senhora pediu, numa reunião de oração, que se lembrassem de seu filho, porque estava ganhando muito dinheiro. A aquisição de uma fortuna rápida torna-se um perigo na vida do crente. Se ele, porém, acompanhar o desenvolvimento de sua fortuna com o joelho em terra e os olhos voltados para os céus, poderá torná-la uma bênção para o mundo e para o reino de Deus. Dt. 8:11-18.

Todo mordomo procura fazer Deus o sócio-gerente de seu negócio. Quem constituir a Deus orientador na administração do seu dinheiro, não correrá o perigo de se deixar dominar pelo vil metal.

Graças a Deus pelos cristãos que, ao adquirirem fortuna, não se tem esquecido de Deus na sua abundância!

3. Princípio básico

Na mordomia do ganhar, uma coisa se faz absolutamente essencial, e esta é a honestidade. No pouco ou no muito, devemos fazer da honestidade a regra número um das nossas transações comerciais. Se o negócio em que estamos como empregados ou patrões fere, de algum modo, a nossa consciência cristã, abandonemo-lo sem demora. O dinheiro ganho desonestamente, a custa do próximo, queima as mãos de quem procura ganhá-lo.

Há muitas maneiras solertes de furtar, contra as quais o crente deve prevenir-se, como, por exemplo: tomar dinheiro emprestado sem intenção de pagar ou sem ter para isso possibilidade; tirar vantagem de um negócio, aproveitando-se da ignorância do próximo; pagar a alguém menos do que o valor do seu trabalho; faltar ao trabalho sem motivo de força maior; usar o dinheiro destinado a um fim, para fim diverso: etc. etc.

3. MORDOMIA NO USAR

1. Responsabilidade

Não é fácil ganhar dinheiro honesta e cristãmente. Creio, porém, que é ainda mais difícil usar com sabedoria aquilo que ganhamos.

Paulo manda que Timóteo recomende aos abastados, entre os de sua grei: "Não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis; que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna". I Tm. 6:17-19. Quem tem uma fortuna tem uma grande responsabilidade. Nos Estados Unidos, tive o privilégio de visitar Dona Ida Bottoms, cuja fortuna ela distribuiu para o progresso do evangelho em diferentes países. Foi ela quem forneceu uma boa parte dos recursos para a construção do majestoso templo da Primeira Igreja Batista do Rio. Em palestra, ela nos revelou justamente essa responsabilidade profunda que sentia na distribuição dos bens que Deus havia confiado aos seus cuidados.

2. Desperdício entre a classe pobre

É nossa tendência pensar que só entre os que tem muitos bens materiais há mordomos infiéis, que desperdiçam seus recursos. A verdade, porém, é que entre a classe pobre há tantos ou mais mordomos infiéis. Na parábola de Jesus, aquele que menos tinha, foi quem não soube administrar sua porção. Na experiência diária vemos que crentes sem recursos, que vivem do seu ordenado somente, são muitas vezes aqueles que não sabem distribuir o seu dinheiro. Os pobres podem, nesse caso, ser tão esbanjadores como os ricos, levando-se em conta as devidas proporções.

3. Economia

A palavra economia vem da mesma raiz que a palavra mordomia, no grego. O mordomo é uma pessoa que sabe praticar a economia na administração dos bens que Deus lhe deu, por insignificantes que eles sejam. Se os membros das nossas igrejas fossem mais econômicos, seu dinheiro iria mais longe. O mal de muitos é não saberem distribuir, é não terem método no gastar. Se tem muito, gastam tudo; quando não tem bastante, tomam emprestado. Por isso a vida financeira de muitos evangélicos é uma pedra de tropeço diante dos incrédulos. Sejamos cuidadosos na maneira de gastar o nosso dinheiro, busquemos a direção do Senhor de nossas vidas, para que ele nos ensine a usar o pouco que nos foi entregue.

Um bom hábito na vida financeira é ter um orçamento para as despesas mensais. Os jovens, pensando em estabelecer o seu lar, aprendam desde já a fazê-lo. Vivam dentro daquele orçamento e, se for possível, reservem um pouco para imprevistos, que sempre aparecem.

A questão do dinheiro é muito importante na vida do crente e revela seu caráter. O dinheiro é a pedra de toque que nos permite descobrir o quilate do cristão. A maneira de agirmos com respeito a ele, revela de modo saliente os traços essenciais da nossa personalidade.

4. NOSSO MODELO

Jesus, ainda que Criador de todas as coisas, preferiu viver como pobre. "As raposas tem covis, e as aves do céu tem ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça". Mt. 8:20. Apesar da simplicidade da sua vida, Jesus precisava de dinheiro para si e para o seu grupo. Por isso escolheu um tesoureiro, Judas, a quem eram confiadas as ofertas para custeio das despesas do colégio apostólico. Os Evangelhos muito pouco falam do assunto; podemos ver, entretanto, a mão sábia de Jesus cuidando da manutenção dos discípulos. Esse silêncio da Escritura talvez queira ensinar-nos o valor subalterno que ele deu ao dinheiro, que existia e ainda hoje existe, não como fim em si mesmo, porém como meio para o sustento do seu ministério.

Todo interesse material ocupava um lugar subordinado aos interesses do reino. O Mestre não só nos ensinou a buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça, na certeza do que tudo mais nos seria acrescentado: ele mesmo exemplificou esse grande princípio em sua relação com o mundo material.

No milagre da multiplicação dos pães, Jesus nos ensinou preciosa lição de economia, quando disse: "Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca". João 6:12.

Ao ser cobrado o imposto do templo, Mt. 17:24-27, ainda que Jesus não se sentisse obrigado a pagá-lo, mandou Pedro pescar um peixe em que se encontrava uma moeda e ordenou-lhe que o pagasse por si e por ele. A fim de não escandalizar o povo, ao ser-lhe cobrada uma dívida, Jesus fez esse milagre. Nisso ele revela seu escrúpulo em questões financeiras.

Que os seus seguidores lhe imitem o exemplo.

PENSAMENTOS PRECIOSOS

"O dinheiro não pode subir aos céus mas pode realizar coisas celestiais na terra".

"Através do dinheiro, Deus fala ao homem, ansioso por mostrar-lhe como tornar-se uma bênção pelo seu uso sábio".

Perguntas Para Revisão

Lição 8

1. Que representa o dinheiro em face da vida?
2. É pecado o crente procurar ganhar dinheiro? Explique.
3. Há perigos a evitar na posse do dinheiro? Qual?
4. Fale sobre nossa responsabilidade para com o uso do dinheiro.

Texto Áureo: Gênesis 28:22

Leitura Devocional: Malaquias 3:7-12

Leituras Diárias:

SEGUNDA: Malaquias 3:7-12
TERÇA: Gênesis 14:18-24
QUARTA: Gênesis 28:18-22
QUINTA: Levítico 27:28-32
SEXTA: Deuteronômio 14:22-29
SÁBADO: Números 18:20-26
DOMINGO: Deuteronômio 26:12-15

Para tudo Deus tem um plano. Ele teve um plano para a criação, teve um plano para a construção da arca, teve um plano para o tabernáculo e, depois, para o templo, teve um plano; enfim, para tudo que realizou.

Deus tem também um plano financeiro para o sustento da sua obra. Esse plano encontramos claro na sua Palavra. Vamos, pois, examiná-lo cuidadosamente, a fim de nos orientarmos na parte que nos cabe nesse plano.

Há 36 passagens na Bíblia em que se emprega a palavra dízimo, e várias outras que indicam a prática de dizimar. Vamos analisar somente as mais importantes.

1. O DÍZIMO DE ABRAÃO Gênesis 14:18-24

1. Costume

Gênesis 14:18-24 é a primeira referência bíblica ao dízimo. A naturalidade da narrativa nos leva a crer que era esse um costume já estabelecido.

De onde e de quem teria Abraão aprendido a dar o dízimo? Não temos qualquer resposta na Bíblia. Todavia, parece-nos evidente que ele o fizesse instruído por Deus, assim como agiu em relação aos sacrifícios e demais atos do culto por ele praticados.

A prática do dízimo é muito antiga. Podemos afirmar que é tão antiga quanto a raça humana. Babilônios, gregos, romanos e árabes pagavam o dízimo.

Grôcio, historiador sagrado, diz que o dízimo era reconhecido como uma porção devida a Deus desde as eras mais remotas. Os cartagineses trouxeram de Tiro esse costume e pagavam os dízimos regularmente. Dídimos, do Alexandria, diz que os gregos tinham por costume consagrar o dízimo.

Creso levou Ciro a baixar um decreto, pelo qual daria o dízimo a Júpiter.

O sábio Montacúcio diz: "Exemplos há na história, de algumas nações que não ofereciam sacrifícios, umas não há nos anais de todos os tempos nenhuma que não pagasse os dízimos". (Leavell, Treinamento na Mordomia)

2. Característicos do dízimo de Abraão

1. Foi voluntário. Não foi pedido por Melquisedeque, mas oferecido espontaneamente por Abraão. Não foi exigido pela lei, porque Abraão viveu 400 anos antes de ela ser dada por Moisés.

2. Foi dado em reconhecimento da mordomia. "Abraão, porém, disse ao rei de Sodoma: Levantei minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra". Gn. 14:22. Foi o fato de Abraão reconhecer a propriedade divina sobre os seus bens que o levou a entregar o dízimo.

Enquanto o crente não se compenetrar dessa verdade, terá sempre dificuldades para ser fiel nas coisas de Deus.

3. O dízimo de Abraão foi um tributo de gratidão pela sua vitória. Gn. 18:20.

Dado como prova de reconhecimento das bênçãos divinas, o dízimo traz alegria ao coração do servo do Senhor.

4. Esse dízimo foi um ato de adoração. Foi entregue ao sacerdote do Deus Altíssimo, àquele que representava o próprio Deus.

Quando o dízimo é entregue em espírito de culto e adoração a Deus, ganha um profundo significado para a nossa alma. Como os sacrifícios de cheiro suave, no culto antigo, constitui-se motivo de bênção espiritual ao nosso coração.

5. Notemos ainda que Abraão foi muito abençoado por Deus, tanto material como espiritualmente. Essa é a experiência, através dos séculos, dos que tem sido fiéis a Deus no dízimo.

2. O DÍZIMO DE JACÓ Gênesis 28:18-22

1. O dízimo e a adoração

O dízimo de Jacó apresenta as mesmas características do dízimo de Abraão: foi voluntário, foi dado como expressão do reconhecimento de sua mordomia, foi ofertado por gratidão a Deus e como ato de adoração.

O fato de o dízimo de Jacó se revestir das mesmas características do de Abraão, demonstra claramente que ele havia recebido no lar instruções cuidadosas sobre o assunto.

Feliz o lar em que os pais intruem seus filhos nos deveres religiosos. Os que aprendem desde a infância a contribuir liberalmente para a propagação do evangelho não terão dificuldades em fazê-lo quando grandes.

2. O dízimo e a experiência religiosa

Notemos que o voto de dar o dízimo foi feito por Jacó logo depois de uma profunda experiência religiosa.

O despertamento na vida religiosa traz sempre uma nova disposição de cooperar materialmente na extensão do reino de Deus.

Uma piedade que afeta somente o coração e não atinge também o bolso é superficial e efêmera.

3. O dízimo e a bênção de Deus

Convém salientar ainda que Jacó foi grandemente abençoado por Deus. Como seu pai, recebeu bênçãos materiais e espirituais.

Confirma-se assim a verdade de que Deus não falha em relação aos que lhe são fiéis.

Os dois exemplos que temos do dízimo oferecido antes da lei, primeiro por Abraão e depois por Jacó, servem para demonstrar que essa prática era comum entre os servos de Deus desde os primórdios da raça.

3. O DÍZIMO INCORPORADO À LEI

Examinemos rapidamente tres das principais referências:

1. Levítico 27:30-32 - O dever de dizimar

Na lei foram incorporadas várias práticas, já estabelecida pelo costume entre o povo de Deus. Essa lei sancionou com a autoridade divina o costume antigo do dízimo, como já vimos.

Os judeus deviam dar o dízimo de tudo que a lavoura produzisse. Há pessoas que alegam dificuldade em calcular o seu dízimo, mas o judeu escrupulosamente separava a décima parte do produto da terra.

Quando realmente se deseja dar dízimo, reconhecendo que é ordem divina, não há dificuldade em cumpri-lo.

Notemos que do dízimo foi dito que é santo ao Senhor. Santo ao Senhor quer dizer separado para Deus. Usar aquilo que é santo sempre foi condenado e castigado por Deus.

2. Números 18:20-32 - A finalidade do dízimo

Aqui se esclarece a finalidade do dízimo - o sustento do sacerdócio.

A tribo de Levi não recebeu qualquer porção da terra, quando esta foi dividida. Deveriam ser sustentados pelas demais tribos, para que se dedicassem, inteiramente, aos misteres sagrados.

3. Deuteronômio 14:22-29 - Beneficência

Aqui se acrescenta a idéia de que o dízimo era também para o amparo aos necessitados: estrangeiros, órfãos e viúvas.

A promessa da bênção de Deus sobre os dizimistas fiéis vem clara no último versículo: “...para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda a obra das tuas mãos, que fizeres”.

Assim o povo de Deus aprendeu a dar sempre o melhor para o culto divino e a dar as primícias de tudo que tivesse.

Deus merece o melhor, merece ser lembrado antes das nossas próprias necessidades materiais. Não as sobras, mas as primícias, Deus deseja ainda hoje.

Leia com cuidado a oração que se encontra em Deuteronômio 26:12-15.

4. O DÍZIMO NA HISTÓRIA DE ISRAEL

1. O termómetro espiritual

O dízimo era uma espécie de termómetro da vida espiritual do povo de Deus. Nos tempos em que se mantinham fiéis a Deus, os judeus davam também o dízimo. Quando, porém, vinham períodos de pecado e desobediência, negligenciavam o pagamento do dízimo.

Ainda hoje a fidelidade na contribuição é um termómetro bastante exato na vida do crente. Quando ele começa a se afastar de Deus, seu dízimo é uma das primeiras coisas a sofrer.

2. Amparo à casa de Deus

As grandes reformas do Velho Testamento, quando o povo se voltava para Deus em arrependimento de pecados, traziam consigo também um retorno à contribuição do dízimo. Na reforma de Ezequias, por exemplo, isso se deu.

Os levitas, como era natural, tiveram que abandonar os misteres sagrados para ganharem seu próprio sustento.

Ezequias reorganizou as turmas de sacerdotes e levitas e convidou o povo a trazer os dízimos.

Com liberdade trouxeram, de modo que, diz o texto, “se fizeram muitos montões”. II Cr. 31:2-6.

Na reforma de Neemias, Nem. 10:35-38; 13:10-13, o povo fez um pacto com Deus de que traria as primícias das novidades da terra, do seu gado e dos seus filhos.

Neemias exclama com energia e desassombro: “Por que se desamparou a casa de Deus”? E o povo se despertou da sua negligência e trouxe a parte consagrada ao Senhor.

3. Dízimo e bênçãos abundantes

O Velho Testamento termina com uma página dolorosa, na qual Malaquias condena diversos pecados em que o povo havia incorrido, entre eles a negligência no pagamento do dízimo. Adverte-os a que provem a Deus nessa parte, para experimentarem suas bênçãos abundantes. Ml. 3:7-12.

Notemos neste passo bíblico os seguintes fatos salientes:

1. O povo, ao invés de reconhecer as suas faltas, procura desculpar-se. “Vós dizeis” é a expressão chave do Livro.

2. Temos uma ordem: “Trazei”. É para todos os servos do Senhor trazerem todo o dízimo. Ninguém fica de fora nem mesmo o mais pobre.

A ordem é para trazer “os dízimos” à casa do tesouro, que é a casa de Deus. Ninguém tem direito de dispor do dízimo. Ele é de Deus e deve ser entregue à igreja de Deus.

3. Temos aqui motivo: “...para que haja mantimento na minha casa”.

Para que a igreja realize a sua obra como deve, precisa dos dízimos de todos os seus membros. Só assim poderá sustentar integral e condignamente o ministério, e realizar a obra missionária.

4. Temos aqui uma promessa: “...abrir as janelas do céu”.

Deus nunca falhou em suas promessas. Faça uma experiência com Deus em relação ao dízimo, e verá a realidade das suas promessas em sua vida.

Perguntas Para Revisão

Lição 9

1. Onde Abraão aprendeu a dar o dízimo?
2. Mencione algumas características do dízimo de Abraão.
3. Fale sobre o dízimo de Jacó.
4. Mencione algumas referências bíblicas ao dízimo incorporado à Lei.
5. Analise a ordem contida em Malaquias 3:7-12: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro...”

Texro Áureo: Mateus 5:17

Leitura Devocional: Lucas 19:1-10

Leituras Diárias:

SEGUNDA: Mateus 5:17-20

TERÇA: Mateus 23:23-28

QUARTA: Hebreus 7:1-10

QUINTA: I Coríntios 9:9-14

SEXTA: Gálatas 3:1-9

SÁBADO: Atos 4:32-37

DOMINGO: Lucas 19:1-10

Alguns crentes há que não apreciam muito o fato de os pastores às vezes falarem em dinheiro. Esquecem-se eles de que este era um assunto freqüentemente mencionado por Jesus. A Bíblia refere-se mais vezes a dinheiro do que mesmo à oração ou a fé.

Jesus falou sobre o dinheiro 90 vezes. Dos 107 versículos do Sermão do Monte, 22 referem-se a dinheiro, e 24 das 49 parábolas de Jesus mencionam dinheiro.

1. O DÍZIMO EM VIGOR NO NOVO TESTAMENTO

Há os que afirmam que o dízimo pertence ao Velho Testamento, à lei, que não temos nenhuma obrigação de pagá-lo.

Já vimos que o dízimo é anterior à lei de Moisés, e que foi depois incorporado a ela. Veremos hoje que o dízimo permanece na dispensação da graça.

1. Jesus não veio ab-rogar o dízimo.

Jesus declarou, no Sermão do Monte, que não veio revogar a lei, mas cumpri-la.

Devemos fazer distinção entre lei cerimonial e lei moral. A lei cerimonial ficou circunscrita ao Velho Testamento. Refere-se a costumes próprios do povo de Israel, sobre alimentação, etc. Não temos nenhuma obrigação, hoje, para com essa lei.

Há, porém, a lei moral. Esta permanece.

Os dez mandamentos, por exemplo. Faziam parte da lei, mas permanecem até hoje, porque são princípios eternos, estabelecidos por Deus para as relações humanas.

Assim também acontece com o dízimo. Ele pertence a lei moral de propriedade. O princípio de que Deus é o dono de tudo permanece, e com ele o nosso reconhecimento dessa propriedade, expresso através do dízimo.

2. O dízimo era uma prática generalizada

Dirá alguém: não há nenhum mandamento de dar o dízimo no Novo Testamento.

De fato, há (Mt. 23:23), mas nem haveria necessidade disso. Tratava-se de uma prática generalizada. Um mandamento sobre o dízimo seria, no dizer do povo, "chover no molhado".

Nessa base não deveríamos guardar o domingo, porque não temos mandamento positivo nesse sentido. Temos, entretanto, referências suficientes a reuniões de crentes no primeiro dia da

semana, para nos assegurarmos de que era esse o dia de guarda dos cristãos. O mesmo acontece em relação ao dízimo, como teremos oportunidade de ver adiante.

3. Referências ao dízimo.

Há tres referências ao dízimo no Novo Testamento. Duas delas, paralelas, se referem ao mandamento de Jesus aos fariseus quanto ao dízimo. Mt. 23:23; Lc. 11:42. A terceira é a de Hebreus 7:1-10, em que Melquisedeque aparece como figura de Cristo.

Na conversa com os fariseus, Jesus fala do escrúpulo deles em dizimar até as menores coisas, esquecendo-se do mais importante, que era a prática da misericórdia e da fé. Insiste com eles para que continuem a praticar o dízimo, mas dêem atenção devida as obrigações morais.

Cristo dá claramente seu apoio a doutrina do dízimo. Os que fazem objeção ao dízimo levantam-se, todavia, para dizer que o mandamento foi dado aos fariseus e não a nós. Respondo, primeiramente, que nesse caso teríamos de desprezar todos os outros ensinamentos de Jesus dirigidos aos fariseus. Entretanto, não deixamos de aplicá-los a nós, de modo geral. Se o fazemos em relação a outros aspectos da vida religiosa, por que também não em relação ao dízimo?

Mas ainda, convém lembrar que nosso Senhor declarou se a nossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entraremos no reino dos céus. Mt. 5:17. Neste caso, Jesus está colocando para nós um padrão mais alto que o dos fariseus. Estaria ele omitindo a prática do dízimo, parte integrante da justiça do fariseu? De modo nenhum.

Se ficarmos aquém do fariseu na prática do dízimo, estaremos dando provas de que a nossa religião produz frutos inferiores aos do fariseísmo.

A terceira referência ao dízimo, no Novo Testamento, é a de Hebreus 7:1-10. Pedimos ao leitor que examine cuidadosamente o trecho para melhor acompanhar nosso raciocínio. O autor está provando, nessa carta, a superioridade de Cristo sobre a velha dispensação, e aqui, de modo particular, sobre o sacerdócio judaico. Refere-se a Melquisedeque e ao dízimo que Abraão lhe pagou, acrescentando que esse Melquisedeque era figura de Cristo.

Sendo Melquisedeque figura de Cristo, quando Abraão lhe deu o dízimo, estava dando-o, em figura, ao próprio Cristo.

Se o crente Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, tipo de Cristo, os crentes hoje devem dá-lo ainda àquele que é sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.

O pensamento do versículo 8 pode ser assim parafraseado: "Enquanto no sistema mosaico recebem dízimos homens que morrem, isto é, os sacerdotes, na dispensação da graça, tipificada por Melquisedeque e Abraão, recebe dízimos aquele de quem se testifica que vive para sempre, Jesus Cristo."

Jesus, pois, recebe dízimos até hoje dos crentes fiéis, através da igreja que ele instituiu e incumbiu da propagação do evangelho.

O último argumento a favor do dízimo, no Novo Testamento, que apresentaremos, é o do sustento do ministério sagrado.

Paulo, em I Coríntios 9, declara que o princípio do sustento do ministério na dispensação da graça é o mesmo que o da dispensação da lei. Paulo está discutindo aqui o seu direito de sustento por parte das igrejas. Fala do dever das igrejas de sustentarem seus obreiros, usando várias figuras para ilustrá-lo, entre elas a do boi que debulha. Pergunto em seguinte: "Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnis"? I Cor. 9:11.

Em I Coríntios 9:13 usa o apóstolo a ilustração do templo e do serviço dos levitas no altar, dizendo que eles tiravam do altar o seu sustento.

Qual era esse sustento? O dízimo, não há dúvida nenhuma.

Vem agora a conclusão do apóstolo, em que estabelece o princípio paralelo nas duas dispensações: "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho." I Cor. 9:14.

Note a palavra "assim". Quer dizer que do mesmo modo como eram sustentados os sacerdotes, assim devem ser sustentados os ministros do evangelho, isto é, com os dízimos entregues pelo povo de Deus.

É importante também o verbo: "ordenou". Trata-se de uma ordem de Cristo, cuja autoridade merece ser respeitada. É um dever do crente, como era do judeu, entregar os dízimos para o sustento do ministério. O Dr. W. C. Taylor considerava esta passagem a mais forte, com referência ao dízimo, no Novo Testamento.

2. EXEMPLOS DE CONTRIBUIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Jesus veio dar ao Antigo Testamento uma significação mais ampla. Libertou a lei do jugo farisaico, e lhe deu novo vigor espiritual. No princípio do seu ministério deixou claro que não viera para revogar a lei, mas para cumpri-la. Mt. 5:17. Destarte, os preceitos da lei mosaica se revestiam de um significado novo e mais profundo nos ensinamentos de Jesus, como vemos no Sermão do Monte.

Como nas outras leis do Velho Testamento o dízimo recebe na nova dispensação maior amplitude, no princípio da mordomia da vida e da propriedade. Esse princípio não exclui o dízimo, porém vai além dele, assim como o Novo Testamento, sem excluir o Velho Testamento, o completa e amplia.

Por isso mesmo, o que encontramos no Novo Testamento são exemplos de contribuição que vão além do dízimo.

Tomemos o caso da viúva pobre. Ela não deu um dízimo, mas dez dízimos - deu tudo. Mc. 12:11-44.

Zaqueu, depois de convertido se dispôs a dar metade dos seus bens aos pobres, portanto, cinco dízimos. Lc. 19:8.

Os crentes da igreja em Jerusalém ofereceram tudo quanto tinham. At. 2:44-45; 4:32-37.

Os crentes da Macedônia deram com sacrifício, muito acima das suas possibilidades, a ponto de surpreenderem o apóstolo por sua liberalidade. II Cor. 8:1-5.

Os coríntios foram convidados a contribuir "conforme a sua prosperidade", I Cor. 16:2. Isso não poderia significar, em hipótese alguma, menos do que o dízimo.

Quem se dispuser a praticar o ensino do Novo Testamento tomará o dízimo como simples ponto de partida, procurando crescer na graça da contribuição, ao ponto de dizer como R. G. Le Tournau, riquíssimo e liberalíssimo industrial crente: "A questão não é: quanto de meu dinheiro devo dar ao Senhor, mas: quanto do dinheiro do Senhor devo guardar para mim"?

3. FOI JESUS DIZIMISTA?

O Dr. Dillard, em seu precioso livro "Mordomia Bíblica", levanta esta interessante e importante pergunta.

O Dr. Dillard responde pela afirmativa, e alinha entre outras, as seguintes razões:

1. Jesus foi educado num piedoso lar judeu, e os judeus piedosos eram dizimistas.
2. Jesus declarou que não veio abrogar a lei e os profetas, mas cumpri-los. Mt. 5:17. O dízimo é ensinado tanto na lei como nos profetas.

3. Jesus sempre elevou o nível moral. Leia-se, de novo, o que disse ele no Sermão do Monte sobre o assassinio, o adultério, o juramento, etc, e indague-se se ele ficaria satisfeito, em matéria de contribuição, com um padrão inferior ao dízimo.

4. Os inimigos de Jesus tentaram convencê-lo de que estava violando a lei por exemplo, no caso da observância do sábado. Não será estranho que eles nunca o tivessem acusado de violar a lei do dízimo, se ele não o praticasse?

5. O Talmude proibia que um fariseu zeloso se sentasse à mesa com Jesus.

Sem dúvida nenhuma, Jesus não só ensinou e praticou o dízimo, mas foi além dele.

4. CONCLUSÃO

Uma distinção essencial existe entre o dízimo do Velho Testamento e o do Novo Testamento.

Enquanto um é obrigatório, o outro é voluntário; enquanto um é movido pela exigência da lei, o outro é impulsionado pelo amor.

Cristo não quis obrigar seus seguidores a serem dizimistas; preferiu confiar no amor liberal deles.

Estaremos merecendo essa confiança?

Perguntas Para Revisão

Lição 10

1. Como se prova que o dízimo está em vigor no Novo Testamento?
2. Lembra-se das tres referências ao dízimo no Novo Testamento? Diga-as.
3. Interprete Mateus 23:23.
4. Teria Jesus sido dizimista? Comente.

Texto Áureo: Provérbios 3:9-10

Leitura Devocional: Salmo 24

Leituras Diárias:

SEGUNDA: Ageu 1:1-7

TERÇA: I Coríntios 16:1-4

QUARTA: Provérbios 3:5-10

QUINTA: I Crônicas 29:10-17

SEXTA: Marcos 12:41-44

SÁBADO: Atos 2:41-47

DOMINGO: Salmo 24

1. RAZÕES POR QUE O CRENTE DEVE DAR O DÍZIMO

Há razões inúmeras para que o crente contribua com o dízimo como um mínimo, para o sustento da causa. Mencionemos rapidamente algumas.

1. O cristão deve dar o dízimo porque os pagãos o faziam, e não quereríamos que eles fossem mais liberais para os seus deuses de barro, do que nós para com o Deus infinito, Criador dos céus e da terra.

2. O cristão deve dar o dízimo porque os judeus o faziam. Se eles, obrigados pela lei, dizimavam e faziam ofertas alçadas, eu, constrangido pelo amor de Cristo, devo fazê-lo também.

O dízimo cristão deve, todavia, ser diferente daquele que o judeu dava. O judeu dava um dízimo obrigatório, movido pelas exigências da lei; o crente dá um dízimo espontâneo, movido pelo seu amor a Deus e sua causa.

Os cristãos substituíram a guarda cerimonial e exterior do sábado pela observância alegre e espiritual do primeiro dia da semana. O sábado judeu "nasceu de novo", por assim dizer, e a instituição resultante desse novo nascimento foi o domingo cristão. Assim também o dízimo deve ser "convertido", deve "nascer de novo" para que possa ser uma bênção no cristianismo. A força externa da lei deve vir substituída pelo dinamismo interno do amor. II Cor. 9:7.

3. O crente deve dar o dízimo porque esta é uma boa norma de contribuição. Todo membro de igreja deve ser sistemático e proporcional na sua contribuição. Se ele for adotar algum outro plano, fará melhor aceitando o plano que o Senhor adotou para o povo de Israel.

O dízimo deve ser, todavia, considerado como um mínimo recomendável de contribuição, e não como o limite máximo da responsabilidade do cristão. O cristão não se sentirá satisfeito em parar onde o judeu parou, mas quererá ir mais adiante. Visto que o cristianismo é superior ao judaísmo, deve produzir resultados superiores na vida dos seus servos. O dízimo deve ser o primeiro degrau da escada, o ponto de partida para uma contribuição liberal que atinja as raias do sacrifício.

Colgate, o famoso perfumista, começou dando um décimo, mas cresceu ao ponto de dar nove décimos para o trabalho do Senhor. O crescimento espiritual do crente deve evidenciar-se não só nas graças intangíveis que movem o coração, mas também na graça tangível que move o

bolso - a contribuição. A contribuição é, em regra geral, um bom termômetro do grau de espiritualidade e consagração do crente.

4. O crente deve dar o dízimo como expressão do seu reconhecimento da propriedade divina.

O solo, que o lavrador cultiva, pertence a Deus: "A terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo", Lv. 25:23; os minerais e os tesouros da terra e do mar são dele: "Minha é a prata, e meu é o ouro, disse o Senhor dos Exércitos", Ag. 2:8, Os. 2:8; tudo que a terra produz é propriedade sua: "Faz crescer a erva para os animais, e a verdura para o serviço do homem, para que tire da terra o alimento", Sl. 104:141; toda a vida animal é de Deus: "Porque meu é todo o animal da selva, e as alimárias sobre milhares de montanhas. Conheço todas as aves dos montes, e minhas são todas as feras do campo", Sl. 50:10-11, Gn.9:2-3.

Ao entregar, pois, o crente sua contribuição a igreja, está dando prova de que, como Abraão, reconhece que o Deus Altíssimo é possuidor dos céus e da terra. Gn. 14:19. Essa lembrança constante da mordomia de sua vida, provocada pela entrega dessa parte para o trabalho de Deus, conservá-lo-á sempre humilde e grato àquele que lhe tem providenciado o necessário para a vida.

Em I Crônicas 29 temos um salmo de louvor, em que Davi expressa a alegria do povo em poder contribuir para a construção do templo. Nessa sublime oração devem impressionar-nos estas palavras: "Porque, quem sou eu, e quem é o meu povo, que tivéssemos poder para tão voluntariamente dar semelhantes coisas? Porque tudo vem de ti, o da tua mão to damos". I Cr. 29:14.

5. O crente deve dar o dízimo porque esse sistema de contribuição, como um mínimo, é o único capaz de resolver o problema financeiro do reino de Deus. Se cada membro da igreja fosse dizimista, o trabalho do Senhor não estaria sofrendo, nem os campos missionários clamando por reforço. Haveria bastante para todas as causas, e o evangelho se espalharia rapidamente pelos quatro cantos da terra.

2. TRES FATOS IMPORTANTES COM RELAÇÃO AO DÍZIMO

Ao contribuir com esse mínimo, um décimo, devemos ter diante de nós tres perguntas:

1. Como foi que ganhei esse dinheiro do qual vou dar o dízimo?

É essencial que o dinheiro tenha sido ganho honestamente, como resultado do trabalho e esforço do contribuinte, para que traga bênção ao seu coração. Dinheiro ganho por vias escusas, misturado com o fermento do mundo, é um ácido a queimar constantemente as mãos e a consciência do seu possuidor.

2. Depois de ter dado o dízimo, quanto me resta?

Para alguns, dar o dízimo é um ato de fé, por causa do salário minguado que recebem e da família numerosa que tem. Para outros é uma parcela relativamente insignificante da sua entrada mensal. Suponhamos uma família com doze filhos, vivendo numa cidade grande e recebendo um ordenado ridículo, e de outro lado um casal sem filhos, na mesma cidade, com ordenado folgado. Depois de dar o dízimo, uma tem justamente o essencial para viver, enquanto que a outra tem mais do que precisa para sua manutenção. Nesse caso, tendo ambos dado o dízimo, o primeiro deu muito mais que o segundo, porque num caso houve esforço maior do que no outro. A proporção da contribuição do crente deveria subir na razão direta do dinheiro que tem, isto é, quanto maior seu ordenado e quanto menor sua despesa forçada, tanto maior deveria ser, em proporção, sua contribuição.

3. Depois de ter dado o dízimo, como irei gastar os outros nove décimos?

É errôneo o ensino de que um décimo é de Deus e os outros nove são nossos. Todos os dez décimos pertencem a Deus, mas ele bondosamente permite que usemos parte para nossa manutenção e bem material, confiante em que daremos para manutenção da sua santa causa tudo que pudermos dar. O dízimo é o mínimo razoável que poderemos dar com uma consciência cristã esclarecida. Depois de entregar à igreja o nosso dízimo, devemos pedir a direção divina para gastarmos sabiamente os nove décimos restantes. Eles são tão sagrados como o décimo que demos para o trabalho do Senhor.

3. OS RESULTADOS DA CONTRIBUIÇÃO DO DÍZIMO NA VIDA DO CRENTE

1. O dízimo traz bênçãos à vida

Muita ênfase tem sido dada às bênçãos materiais provenientes da prática do dízimo. Não duvido de que elas sejam reais na maioria dos casos; não devem, porém ocupar o primeiro lugar nas nossas cogitações. As maiores bênçãos advindas de dar o dízimo são de natureza espiritual. Aquele que der o dízimo pode não receber bênçãos materiais; as espirituais, entretanto, nunca irão falhar.

2. O dízimo torna o crente mais interessado e ativo no trabalho

Em geral, os membros mais ativos da igreja são os que contribuem. Isso é natural. Jesus mesmo disse que, onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração. Quando alguém está dando do seu dinheiro para uma causa qualquer, está interessado no progresso e desenvolvimento dessa mesma causa. Alistar um crente como contribuinte regular é alistá-lo para as atividades da igreja. Quanto mais fiel der, tanto mais cooperará.

3. O dízimo desperta o zelo missionário

Se contribuo para a igreja, naturalmente quero saber os fins a que se destina meu dinheiro. Sabedor de que esse dinheiro vai para missões, para educação ministerial e beneficência, procurarei saber do desenvolvimento das diferentes obras que promovem esses trabalhos. Através da propaganda das várias igrejas, fico a par do trabalho missionário, seus problemas e suas possibilidades. Destarte, meu desejo de contribuir para a obra missionária e educativa no Brasil e no estrangeiro, aumenta.

4. O contentamento da igreja em Jerusalém era evidente

Os crentes comiam juntos, com alegria e singeleza de coração. At. 2:46. Não só comiam com alegria, mas com alegria repartiam seus haveres, segundo a necessidade de cada um. O fato de poderem depositar aos pés dos apóstolos seus bens, trazia-lhes gozo profundo ao coração. A oferta feita no verdadeiro espírito de culto, movida pelo amor, não poderá deixar de trazer grande alegria ao coração do ofertante. "Deus ama ao que dá com alegria", e aquele que se priva de dar, priva-se de um dos maiores prazeres da vida cristã. Sem dúvida é por isso que Paulo chama a contribuição de "graça excelente" e termina sua magistral exposição do assunto dizendo: "Graças a Deus pois pelo seu dom inefável". II Cor. 9:15.

4. "FAZEI PROVA DE MIM"

Os que tem experimentado a prática do dízimo tem verificado que Deus não falha em suas promessas.

Um crente, nos Estados Unidos estivera desempregado por algum tempo. No momento da oferta, no domingo, deu cinquenta centavos do seu último dólar.

No dia seguinte soube de um emprego numa cidade vizinha. A passagem de trem custava um dólar. Parecia que ele deveria ter guardado os cinquenta centavos, que dera de oferta a igreja. Entretanto, com os cinquenta centavos que lhe restavam comprou um bilhete, que o levaria até a metade do caminho. O restante faria a pé.

Antes de andar uma quadra, soube de uma fábrica que precisava de um empregado. Dentro de meia hora estava empregado. Qual o ordenado? Exatamente cinco dólares mais, por semana, do que ganharia se tivesse um dólar e viajasse até o lugar onde soubera haver uma vaga.

O pagamento da primeira semana lhe trouxe de volta os cinquenta centavos dez vezes.

Esse homem tornou-se mais tarde um grande fabricante de calçados.

O Dr. J. Howard Williams, ex-presidente do Seminário Batista do Sudoeste dos Estados Unidos, dá seu testemunho sobre o dízimo nestes termos:

"Meu pai e minha mãe eram dizimistas. Quando eu era ainda adolescente, eles passaram por terríveis privações, mas sempre permaneceram fiéis a Deus na sua mordomia.

"As duas influências que me levaram a ser dizimistas foram: primeiro, o exemplo de meus pais, e segundo, a profunda experiência cristã que tive por ocasião da minha entrega a obra do ministério. Baseado em minha própria experiência eu diria, sem hesitar, a todo crente, qualquer que seja sua situação financeira: Confia em Deus e dá-lhe o dízimo."

Perguntas Para Revisão

Lição 11

1. Por que razões deve o crente ser dizimista?
2. Pelo fato de dar o dízimo, pode o crente gastar o restante do dinheiro à vontade?
3. Discuta os resultados da contribuição do dízimo na vida do contribuinte.
4. Reproduza a historietta que ilustra que os crentes podem confiadamente fazer prova de Deus, no tocante à contribuição do dízimo.

Texto Áureo: II Coríntios 9:7

Leitura Devocional: Salmo 1:12

Leituras Diárias:

SEGUNDA: II Coríntios 8:1-9
TERÇA: II Coríntios 8:9-15
QUARTA: II Coríntios 8:16-24
QUINTA: II Coríntios 9:1-9
SEXTA: II Coríntios 9:10-15
SÁBADO: Filipenses 4:10-20
DOMINGO: Salmo 112

São os motivos que governam a vida, e não as ações isoladas.

Para Cristo, o que importava eram os motivos que impulsionavam o homem a uma ação qualquer. Isso ele deixou claro no Sermão do Monte. Mt. 5:27-48. Por isso considerou que a viúva pobre deu mais do que os fariseus, mesmo que do ponto de vista exterior sua oferta fosse uma insignificância. O valor da oferta, para Jesus, estava, portanto, na proporção em que ela fosse expressão de verdadeiro amor a Deus.

1. O AMOR SE EXPRESSA EM DAR

O crente deve contribuir, não porque é membro de igreja, nem porque o pastor pregou sobre o assunto, nem tampouco porque se acanha de não contribuir, mas porque ama a causa de Deus, ama o seu Senhor, e quer ajudar na propagação do evangelho. O motivo supremo nos atos do crente, inclusive o de contribuir, deve ser o amor. Paulo disse que ainda que alguém distribuisse toda a fortuna para o sustento dos pobres e ainda que entregasse o corpo para ser queimado, e não fosse impelido pelo amor, isso de nada aproveitaria. I Cor. 13:3.

Se o motivo verdadeiro existir no coração do crente, ele contribuirá liberalmente. O amor se expressa em dar. Quanto maior o amor, tanto maior a dádiva. Quando Deus amou ao mundo, não enviou um anjo ao mundo para consolar a raça decaída, porém deu seu próprio Filho, seu Unigenito, o máximo que poderia ter dado, para remir a humanidade. Aquele que era supremamente rico, se fez pobre, para que pela sua pobreza fôssemos nós enriquecidos. II Cor. 8:9. Tal é o amor. Ele se despoja de tudo por amor da pessoa amada, ele se entrega sem reservas ao serviço do amado em necessidade. Amar e dar formam uma sequência inevitável. Quem muito ama, muito dá. A mordomia da contribuição é, por conseguinte, a mordomia do amor. Nossa contribuição está na razão direta do amor que temos ao Salvador, e é uma prova de nossa devoção e lealdade à causa.

2. O SEGREDO DA LIBERALIDADE II Coríntios 8:1-5

Concluindo nossas lições deste trimestre, tomaremos o exemplo de um grupo de igrejas, cuja liberalidade atingiu as raias do sacrifício.

O apóstolo Paulo gasta dois capítulos inteiros a comentar a atitude das igrejas da Macedônia, em relação às necessidades das igrejas irmãs da Judéia.

Vale a pena lermos com cuidado os capítulos 8 e 9 de II Coríntios, para que assim possamos descobrir o segredo da generosidade daquelas nobres igrejas.

Paulo está apresentando aos coríntios as igrejas da Macedônia como um modelo digno de imitação. Servem-nos elas hoje ainda como exemplo encorajador na consagração dos nossos recursos à causa do Mestre.

1. A graça da liberalidade

Notemos a frequência com que aparece aqui a palavra graça. II Cor. 8:1, 4, 6, 7, 9, 19; 9:14.

Não se refere à graça salvadora de Deus, e sim à graça especial da liberalidade em contribuir. Há crentes que já foram alcançados pela graça de Deus, que os salvou em Cristo, mas não alcançaram ainda a graça de partilhar os seus bens liberal e alegremente para o sustento da obra do evangelho.

2. As circunstâncias

Vejamos também as circunstâncias em que os irmãos macedônios demonstraram sua generosidade. II Cor. 8:2. No meio de provas e tribulações, fizeram sua contribuição. Passavam eles por um período de agitações políticas, perseguições e necessidades materiais. Não julgavam, entretanto, que isso os deveria escusar de ajudar os irmãos mais pobres da Judéia. Com profunda alegria, diz Paulo, eles deram dos seus poucos recursos.

David Morken conta de refugiados na Coréia, vivendo num inverno inclemente, tendo apenas alguns velhos trapos para cobrir-lhes os corpos, e frágeis coberturas para protegê-los da neve. Quando foi necessário tirar uma oferta para a reconstrução de uma igreja bombardeada, que fizeram esses refugiados? Afundaram as mãos nos bolsos e deram, em dinheiro coreano, uma quantia equivalente a oito mil dólares. A explicação dessa oferta, aparentemente milagrosa, foi a seguinte: começamos há um ano sem nada. O Senhor cuidou de nós e deu-nos alguma coisinha. Decidimos que se o Senhor pôde cuidar de nós durante um ano inteiro, quando iniciamos sem nada, poderíamos começar novamente sem nada e confiar nele por mais um ano.

Assim, deram os refugiados tudo quanto tinham para começar de novo sem nada.

Onde está o segredo da liberalidade, tanto desses coreanos, como dos macedônios nos dias de Paulo?

II Coríntios 8:5 no-lo apresenta: "...a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor". Era a convicção da mordomia de suas vidas que os levava a tais rasgos de generosidade.

Quando um crente realmente se convence de que tudo quanto é e tem penence a Deus, não acha dificuldade em dar com profunda liberalidade.

Em geral, o que mais contribuem não são os que mais tem. Os que mais dão são os que mais amam a Deus e mais confiam em Deus.

Dar não depende de poder. Os macedônios deram, diz o apóstolo, "ainda acima do seu poder". O seu querer era maior do que o seu poder. De um coração generoso sempre parte uma oferta sacrificial.

Sirvam-nos de exemplo as igrejas da Macedônia nessa graça da liberalidade, de modo que, mesmo em profunda pobreza, como eles, se evidenciem as riquezas da nossa generosidade.

3. O PADRÃO DA LIBERALIDADE II Coríntios 9:6- 7

Temos neste trecho uma das mais preciosas passagens sobre a bênção da contribuição. Um modelo assaz elevado que deve servir de norma aos cristãos e que ultrapassa os limites estreitos da obrigação judaica do dízimo.

1. Generosidade. Devemos contribuir com generosidade, v. 6.

Paulo apresenta a lei da natureza física como aplicável ao dever espiritual da contribuição. O homem colhe na proporção do que semeia. Os mesquinhos tem uma colheita mirrada, os generosos uma colheita farta. Os exemplos pululam quanto à verdade desta declaração apostólica.

Continua sendo verdadeira a promessa de Malaquias, de que, para os que levam a casa do tesouro recursos generosos, as janelas do céu se abrem de tal forma que seus corações recebem da graça divina em pródiga abundância.

Ainda que aqui se tenha em mente a lei natural aplicada à contribuição, ela é verdadeira e pode ser aplicada a todas as relações da vida. Quanto mais o homem dá, tanto mais ele recebe. Jesus Cristo expressou de várias formas esse princípio, que se tornou básico no seu reino.

2. Discernimento e amor. Devemos contribuir com discernimento amoroso: "...segundo propôs no seu coração", v. 7.

A contribuição é um ato de vontade esclarecida. Não deve ser feita impensadamente, sem o senso da responsabilidade de quem dá e sem o senso da importância da obra a que se destina.

Sobretudo, a questão de dar deve ser um ato do coração. A dificuldade com muitos, é que dão só com a bolsa, e não com o coração. A oferta não deve ser um ato frio e calculado, mas praticado com viva emoção e como expressão da nossa responsabilidade.

Quando o crente dá com o coração cessam as dúvidas e as tentações para a mesquinhez. Não há pretexto para não dar o dízimo, por ser da lei ou por qualquer outra razão. O coração, impulsionado por profundo amor à causa e às almas perdidas, dá com aquela espontaneidade que não mede nem calcula.

3. Alegria. Devemos contribuir com alegria, v. 7.

Nenhum ato de culto deve ser por constrangimento, especialmente o da contribuição. Se há tristeza e vacilação, ele perde todo o valor para o ofertante.

Temos pensado no amor de Deus manifestado a nós de muitas maneiras. Convém lembrar que ele também se dirige no sentido das nossas ofertas. "Deus ama ao que dá com alegria". Cada vez que contribuímos, somos objeto do amor de Deus.

A alegria de dar é uma das maiores alegrias da vida. Deus não precisa de nós, e, entretanto, para fazer com que nos sintamos felizes na participação do seu plano de redenção do mundo, ele nos oferece o ensejo de dar. Se pensarmos em nossas dádivas, com esse elevado sentido espiritual, só poderemos sentir imensa alegria em dar dos nossos recursos para a promoção do seu reino.

4. OS BENEFÍCIOS DA LIBERALIDADE II Coríntios 9:8-15

1. Os próprios contribuintes são beneficiados, 9:8-12.

Paulo começa por lembrar que a liberalidade na graça de contribuir gera, por sua vez, abundância em outras graças com que Deus há de beneficiar os contribuintes. O texto do versículo 9 é de Salmo 112:9. Deve ser lido em conexão com Provérbios 11:24-25: "Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para sua perda. A alma generosa engordará, e o que regar também será regado".

Jesus estabeleceu esta regra para os seus seguidores, que deverá ser lida com meditação: "Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso

regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo". Lc. 6:38.

O irmão já experimentou a realidade dessa promessa? Se não, é talvez porque ainda não alcançou a bênção de dar no espírito generoso e franco que traz como resultado essa experiência.

2. *Os recipientes da oferta seriam beneficiados*, 9:13-15.

Os cristãos na Judéia compreenderam que Deus usou os gentios para trazer-lhes socorro, e louvaram a Deus por isso. Eles agradeceram a Deus por ter aberto a porta da fé aos gentios, para que eles tivessem ensejo de revelar agora seu amor por seus irmãos judeus? Através dessa oferta, eles se sentiram mais unidos na fé comum em Jesus Cristo, o qual pelo seu sangue "de ambos os povos fez um; e, derribando a parede da separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades". Ef. 2:14-16.

Após a segunda guerra, tivemos oportunidade de verificar como nos países aliados movimentos diversos foram organizados para suprir as necessidades dos povos do Eixo. Isso se deve ao espírito cristão de cooperação mútua, gerado no coração de homens de sentimentos evangélicos.

Os crentes da Judéia retribuíram a tão grande generosidade dos irmãos macedônios com suas orações, v. 14, com as quais demonstraram ardente afeto, por causa da transbordante graça de Deus que estava neles.

Só podemos terminar com as próprias palavras do apóstolo: "Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável", que infunde nos corações de seus filhos sentimentos tão profundos de generosidade e solidariedade humana.

Perguntas Para Revisão

Lição 12

1. Explique a afirmação: "O amor se expressa em dar."
2. Qual foi o segredo da liberalidade dos macedônios na campanha que Paulo realizou para levantar contribuições para os pobres da Judéia?
3. Analise II Coríntios 9:6-7, enumerando as normas pelas quais devemos orientar nossas contribuições.
4. Mencione alguns benefícios da liberalidade na vida cristã.

Texto Áureo: Gálatas 6:6

Leitura Devocional: Hebreus 13:1-7

Leituras Diárias:

SEGUNDA: Atos 4:32-37

TERÇA: Efésios 5:22-32

QUARTA: Lucas 10:1-9

QUINTA: I Timóteo 5:17-22

SEXTA: Gálatas 6:1-6

SÁBADO: I Coríntios 9:1-14

DOMINGO: Hebreus 13:1-7

1. A MORDOMIA MISSIONÁRIA DA IGREJA

Em tempos relativamente recentes tem sido as igrejas do Senhor reanimadas em seu dever missionário. Por muitos séculos ficaram adormecidas, satisfeitas consigo mesmas, em lhes importar a sorte dos milhões sem Cristo. Com a ida de Carey à Índia, os cristãos evangélicos foram sacudidos da sua indiferença, e as igrejas começaram a sentir um impulso novo, provindo do fervor missionário dos seus membros.

1. A Missão da Igreja.

Uma das missões de uma igreja é evangelizar. Quando ela perde isso de vista, perde sua razão de ser. Nenhuma igreja poderá manter-se forte e vigorosa, firme e fiel aos princípios do Novo Testamento, se não colocar no lugar de importância a necessidade de buscar os perdidos e entregá-los o Evangelho de Cristo.

2. A visão dos campos.

Mordomia e missões são inseparáveis. A ciência registra casos de gêmeos que nascem ligados pelo tronco e que se chamam irmãos siameses. Não podem ser separados, pois isso traria a morte a ambos. Assim acontece com a mordomia e as missões. Podemos denominá-las irmãs siamesas. Vivem tão intimamente relacionadas, que isolá-las seria matá-las a ambas. A mordomia fornece o elemento material para o avanço missionário, enquanto que as missões oferecem o estímulo à prática constante e crescente da mordomia.

Igrejas doutrinadas na mordomia são igrejas missionárias, em que o povo dá com prazer. Igrejas bem informadas quanto às necessidades missionárias no mundo são igrejas onde a mordomia é praticada pela entrega de vidas ao serviço missionário e pela constante contribuição dos recursos materiais para mantê-lo.

Quem hoje quiser descobrir o segredo de igrejas fortes e progressistas, cheias de fervor e visões amplas, poderá fazê-lo sem dificuldades. Igrejas dessa natureza se encontram onde quer que as verdades da mordomia são apregoadas do púlpito e vividas na vida diária dos crentes.

Se nossas igrejas realmente apanharem a visão dos campos brancos para a ceifa, e os crentes se compenetrarem da verdade de que não se pertencem a si mesmos, mas foram comprados por preço, o problema financeiro delas estará a caminho de uma solução satisfatória.

Se os crentes tem de fato o amor de Deus em seus corações, e são movidos de compaixão pelas almas que se perdem, não poderão deixar de contribuir com alegria e liberalidade para que o Evangelho a elas seja anunciado.

Um ferreiro estava cantando a plenos pulmões, ao ritmo do martelo, que, pesado, moldava o ferro na bigorna.

"Por que está tão alegre, irmão Tomás?" pergunta um transeunte.

"Ora, não sabe? Estou pregando o Evangelho em Portugal hoje," respondeu o ferreiro.

"O senhor está brincando; como pode ser isso?"

"Não é pilhéria, meu irmão. Nossa igreja ajuda a sustentar um missionário em Portugal, eu vou dar para o seu sustento tudo que fizer hoje: por isso me sinto tão alegre como se estivesse pregando um sermão lá em Lisboa.

2. A IGREJA E SUAS FINANÇAS

1. *Métodos escusos.* Os métodos mais extravagantes tem sido usados por certas igrejas para levantar dinheiro. Alguns deles põem em franco ridículo o Evangelho, e levam-nos a pensar e sentir que nada mais fazemos do que transplantar para o nosso meio os processos usados pela Igreja Católica. Quermesses, leilões, rifas e outros recursos são empregados para tirar do bolso dos crentes os magros reais que eles se negam a dar de outra forma. São modos que precisam ser completamente excluídos do nosso meio.

2. *O plano de Paulo.* O plano financeiro de Paulo, se adotado por nossas igrejas, produzirá os mais benéficos resultados, e acabará com os mil artifícios, visando ao levantamento de dinheiro para o trabalho do Senhor. Referindo-se a coleta para os crentes em Jerusalem, diz Paulo: "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as coletas quando eu chegar". I Cor. 16:2. Esse plano, ainda que sugerido para uma oferta especial de beneficência, serve perfeitamente como modelo de nossas contribuições regulares para a igreja local.

Nossa contribuição deve ser:

1. Periódica - "No primeiro dia da semana". Em nosso caso diríamos, mensalmente, ou toda vez que recebermos nossos ordenados ou vendermos o produto da nossa lavoura. Assim como temos individualmente despesas forçadas todo mes, a igreja tem compromissos que precisam ser solvidos mensalmente. Por isso nossa contribuição não pode faltar sem acarretar prejuízo ao trabalho.

2. Pessoal - "Cada um de vós". A igreja deve alistar cada um de seus membros na contribuição, do menor ao maior. O ideal é que se instrua o crente na graça de contribuir, antes de ele ingressar para a igreja, e que ele assuma, desde o princípio, um compromisso de ajudar a sustentar o trabalho. Se assim fizermos, evitaremos um esforço árduo mais tarde, quando procurarmos levá-lo a arcar com a responsabilidade financeira da mesma.

3. Proporcional - "Conforme a sua prosperidade". Se havemos de usar um método proporcional, por que não aquele que Deus mesmo colocou no coração dos patriarcas e ordenou que fosse gravado na lei de Moisés? O dízimo do nosso salário, entregue regularmente a igreja, e uma proporção razoável para se contribuir, lembrando sempre que essa proporção é um ponto de partida e não a meta final. Tocados pelo Espírito, à semelhança de Barnabé e outros cristãos do primeiro século, seremos levados a esquecer toda e qualquer proporção, para darmos tudo o que possuímos. At 4:32-37. Oxalá incidentes como esses se multipliquem na história do povo de Deus em nossos dias!

3. POR QUE CONTRIBUIR PARA A IGREJA

Vamos mencionar algumas razões, a nosso ver capazes de despertar qualquer alma realmente desejosa do bem da causa de Cristo na terra.

1. *Gratidão.* Uma igreja é a instituição que Deus colocou entre nós para a propagação do evangelho. Foi por ela que chegamos a conhecer as boas novas. Ela, através de um ou mais de seus membros, foi instrumento para nos conduzir a Cristo, em quem descobrimos o Salvador das nossas almas e em quem, crendo, recebemos perdão pleno e gracioso. Não poderemos deixar de ser eternamente gratos a Deus pela salvação em Cristo. A melhor maneira de expressarmos essa gratidão é sustentarmos nossa igreja, para que outros, por meio dela, venham também a gozar dos mesmos privilégios. Um crente que não contribui para a igreja não tem em grande valia o evangelho de que essa mesma igreja é propagadora.

2. *Respeito.* Paulo compara a igreja à noiva de Cristo, a quem ele, como noivo, amou estremecidamente e por quem se entregou sem reservas. II Cor. 11:2. Isso ele fez "para a santificar, purificando-a com a lavagem da água pela palavra, para a apresentar, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível". Ef. 5:26-27. No livro de Apocalipse a igreja é noiva adornada e preparada para a vinda do noivo, que a vai levar para sempre consigo.

Essas imagens nos sugerem o alto conceito em que os escritores sagrados tinham a igreja. Na carta aos Efésios, Paulo fala do extraordinário preço que Cristo pagou para constituir para si mesmo uma igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, santa e irrepreensível.

Se Cristo se prontificou a tudo dar para sua igreja, como ousaremos negarmos a auxiliar no seu sustento, para que ela continue a ser perante o mundo uma igreja gloriosa? Como permitiremos que a noiva de Cristo ande em andrajos que desonrem seu divino noivo? Como negligenciaremos nossas obrigações para com ela, quando sabemos que Cristo fez tudo por ela? Como deixaremos de adorná-la e tratá-la com toda decência e dignidade, sabendo que o noivo voltará um dia para casá-la? Como nos havemos de apresentar perante ele naquele dia, se tivermos sido infiéis no cuidado da sua noiva, que ele entregou aos nossos cuidados?

Se temos respeito à igreja que Cristo comprou com seu próprio sangue, faremos tudo por mantê-la de tal modo, que não nos tenhamos de envergonhar de a ela pertencermos como membros.

3. *O sustento do ministério.* Quando nos unimos a uma organização, é porque cremos que ela tem algum valor para nós. Não há organização que mais faça pelo homem do que a igreja. Além de trazê-lo a Palavra de Deus, providencia um lugar onde ele possa alimentar-se espiritualmente, e exercitar-se na vida cristã, onde possa ter convívio com pessoas do mesmo ideal, enfim, providencia para o crente o ambiente propício para o seu desenvolvimento espiritual.

Para que a igreja possa fornecer aos seus membros tudo isso, ela precisa de prédio próprio, e um ministro que se dedique ao bem das almas. Tudo isso custa dinheiro, e o crente deve ter prazer em sustentar dignamente aqueles que se consagram ao trabalho de providenciar para ele o cuidado pastoral. Isso só será possível se nossos pastores e nós, os crentes, tivermos uma visão bastante elevada do ministério e de sua missão, acompanhada de uma visão nova de nossas obrigações para com a igreja, como mordomos do Senhor.

O Novo Testamento fala muito claramente da obrigação dos crentes de sustentarem com dízimos o ministério.

O Senhor Jesus, ao enviar os setenta, disse-lhes que dependessem para o seu sustento, daqueles a quem ministravam a Palavra, "pois digno é o obreiro de seu salário". Lc. 10:7; I Tm. 5:17-18.

Paulo diz: "O que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui". Gl. 6:6.

Em I Cor. 9 Paulo faz a defesa dos seus direitos, e conclui reclamando para o ministro do evangelho a mesma contribuição que o judeu fazia para o sustento dos sacerdotes e levitas. "Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho". II Cor. 9:13-14.

Uma palavra autorizada: "A única provisão que Deus fez para o sustento do seu ministério, desde o princípio do evangelho e da religião organizada, é o dízimo do crente". (W. C. Taylor).

Perguntas Para Revisão

Lição 13

1. Qual é a missão da igreja ao mundo?
2. Reproduza a historieta do ferreiro que, trabalhando na bigorna, dizia estar pregando em país estrangeiro.
3. Como deve ser nossa contribuição?
4. Que motivos nos devem levar a contribuir?

PRIMEIRA IGREJA BATISTA

Jardim das Oliveiras, Rua Dr. João Maciel Filho, 207; 60.821-500 Fortaleza, CE

Cultos: Domingos as 9h e 19h; Quartas as 19h30min

Sites: <http://www.geocities.com/wbtbrazil>, <http://br.geocities.com/batistacatanduva>

TODOS SEJAM BEM VINDOS!